



Elton Rodrigues/Divulgação

CIDADÃO DO MUNDO

Autor de mais de 70 livros e fluente em oito idiomas, o jurista rio-pretense Durval de Noronha Goyos Júnior conta como conquistou uma importante carreira internacional, com escritórios em várias partes do mundo

Hárlen Felix

O escritor, jornalista e jurista rio-pretense Durval de Noronha Goyos Júnior acaba de lançar a autobiografia “O Mundo Segundo Noronha”, publicação em que registra sua trajetória pessoal e profissional, da infância em Rio Preto até a sua inserção profissional no âmbito internacional. Autor de mais de 70 livros publicados, que transitam pelas áreas de Direito Internacional, lexicografia, história e economia até romances e contos eróticos, o jurista já prepara novas publicações, que incluem duas novas obras linguísticas relacionadas com as línguas italiana e napolitana.

Formado em Direito na Faculdade Paulista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1974, ele revalidou o seu diploma de Direito na Universidade de Lisboa, Portugal, em 1989. Fez diversos cursos de pós-graduação, incluindo um em Direito na Hastings School of Law, University of California, nos Estados Unidos. Durval

fala fluentemente os idiomas italiano, inglês e espanhol, assim como mandarim e francês. Lê e escreve o latim.

O rio-pretense fundou em 1978, o Noronha Advogados, primeiro escritório de advocacia global originário num país em desenvolvimento, com presença nos Estados Unidos, Reino Unido, Portugal, Argentina e China. Com um currículo extenso, ele foi presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), entre 2015 e 2019, e recebeu várias premiações, como “Dez Anos de Liberdade, da República da África do Sul e “Sessenta Anos da República Popular da China” .” Confira abaixo uma entrevista sobre a vida e a carreira profissional internacional de sucesso:

Bem-Estar – Quando e por que o senhor decidiu seguir carreira como advogado e jurista?

Durval de Noronha Goyos Júnior – Em minha adolescência, eu tinha muitos interesses e vislumbrava um futuro na diplomacia, devido às minhas habilidades linguísticas, no magistério superior, no jornalismo ou na advocacia. Devido às restrições impostas pela ditadura militar brasileira, após 1964, as três primeiras opções estavam totalmente comprometidas, ou pela sujeição necessária ao regime sombrio, ou à repressão por ele imposto à Nação. Optei então por cursar Direito em 1970, tendo ingressado na PUC-SP, aprovado em segundo lugar no exame vestibular, sendo que os três primeiros colocados tinham direito a uma bolsa de estudos. A advocacia, ademais, permitiu-me uma fonte de sustento que se tornou muito necessária para mim e minha família, naquele momento. Logo começou a fazer um estágio num dos principais escritórios de São Paulo.

Assim, optei por cursar Direito e seguir a senda da advocacia empre-

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ADVOCACIA VEIO A EXIGIR MAIOR PERCEPÇÃO DAS CULTURAS, ECONOMIAS E LÍNGUAS DE OUTROS PAÍSES

sarial internacional, fazendo uso do meu conhecimento de diversas línguas estrangeiras. Após três anos num prestigiado escritório de advocacia, em 1975 fui contratado como diretor jurídico de um banco multilateral, na época o maior investidor estrangeiro no Brasil, onde consegui até 1978.

A evolução para jurista deu-se de maneira gradual e decorreu do meu interesse cultural, da mesma maneira que de minha vocação para as outras áreas mencionadas. Como jurista, tornei-me professor de diversas universidades mundo afora e coordenador de pós-graduação na área de Direito do Comércio Internacional, disciplina da qual fui o fundador no Brasil, e do primeiro curso sobre Direito Chinês a ser aberto fora da República Popular da China. Naquela qualidade, escrevi diversas obras jurídicas sobre aspectos do Direito Internacional Público e Privado.

BE – Hoje, qual dica pode dar para os jovens que querem seguir carreira como o senhor?

Noronha – Decorridos mais de 50 anos de meu ingresso na faculdade de Direito da PUC-SP, o mundo hoje se apresenta muito mais complexo, não apenas pela profusão de conflitos humanos e sociais, mas também pela competitividade exacerbada decorrente de um capitalismo selvagem. O quadro fica ainda marcado pela extraordinária evolução tecnológica

havia no período, sem que os valores éticos a tenham acompanhado. Quando eu comecei minha carreira jurídica, não existiam copiadoras: as fotocópias eram obtidas mediante fotografia. Não havia os computadores, os telefones celulares, o fac-símile, as calculadoras e a internet. A correspondência profissional era feita pelo correio. O mundo virtual ampliou o escopo de incidência da atividade jurídica. Não obstante a clara necessidade de acompanhamento de toda esta evolução tecnológica, o amplo conhecimento disciplinar continua a ser o caminho seguro para uma contribuição social sólida da parte do advogado. Ele deve ser naturalmente baseado no aprendizado jurídico, mas orientado pelos robustos valores éticos inerentes à responsabilidade profissional da classe. Por sua vez, a internacionalização da advocacia se, por um lado, ampliou o escopo de atuação profissional, veio a exigir maior percepção das culturas, economias e línguas de outros países. O exercício da profissão de advogado noutros países exige, ademais, o conhecimento das respectivas leis, da mesma forma que das normas do direito internacional.

BE – O senhor fundou, em 1978, o primeiro escritório global de advocacia originário de um país em desenvolvimento e o único de origem brasileira, com 21 dependências em nove países diversos, inclusive três na China. Por favor, fale um pouco sobre os trabalhos realizados pelo escritório.

Noronha – Em 1978, cerca de 70% da economia brasileira eram representados pelo setor público, o mesmo patamar da extinta URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). As empresas públicas eram, na realidade, cabides de empregos para os

interesses dos servidores militares da ditadura e dos seus agentes políticos. O interesse nacional era então subordinado a particulares e, assim, as empresas públicas não eram competitivas. O Brasil não tinha reservas em moedas estrangeiras dignas de nota e estava sem acesso aos mercados médicos internacionais. O setor privado precisava exportar para sobreviver e também assim o País.

Durante a ditadura militar, (o escritório) Noronha – Advogados não aceitava empresas públicas como clientes. Assim, procuramos assessorar empresas privadas na inserção internacional. Abrimos nosso primeiro escritório próprio no estrangeiro, em Miami, em 1982. Foi o primeiro escritório estrangeiro na Flórida e o primeiro brasileiro nos EUA. Seguiram-se escritórios próprios em Londres (1988); em Zurique (1989); em Lisboa (1990); na China, em Xangai (1998), em Pequim (2001) e em Hong-Kong (2002); e em Los Angeles (2000). Como parcerias sob a nossa denominação social, ainda tínhamos escritórios em Buenos Aires (1992); Joanesburgo (2004); e Nova Delhi (2005). Fomos pioneiros em todas estas praças e nos constituímos no primeiro escritório global de advogados originário de um país em desenvolvimento.

No Brasil, além de nossa sede na cidade de São Paulo, tínhamos escritórios próprios no Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Curitiba, Salvador e em Manaus. Temos ainda parcerias com o nome Noronha – Advogados em Recife, Belo Horizonte e Campo Grande. Os trabalhos foram incluídos tanto na esfera do Direito Internacional Privado, como no Direito Internacional Público. Atendemos empresas estrangeiras no Brasil e empresas brasileiras no exterior. Representamos em questões de Direito Internacional alguns governos de países terceiros em desenvolvimen-

O APRENDIZADO DE CADA IDIOMA AMPLIA O CONHECIMENTO CULTURAL E POSSIBILITA A EXPANSÃO DAS ATIVIDADES SOCIAIS E PROFISSIONAIS, ABRINDO O HORIZONTE E POSSIBILITANDO A HABITAÇÃO EM GRANDE NÚMERO DAS 'CASAS DE OURO', COMO O SÁBIO CONFÚCIO SE REFERIA AOS LIVROS

to, como os da África do Sul, da China, da Índia, da Argentina, de Bangladesh, de Cuba e do Uruguai e também o governo brasileiro, após a redemocratização do Brasil, em 1986.

Fomos ainda consultores de outros países, como da Coreia do Sul, da Turquia e da Finlândia e do Grupo dos 33 países em desenvolvimento, em questões de comércio internacional.

BE – O senhor qualificou-se como advogado no Brasil, Inglaterra e Portugal e foi conselheiro jurídico de grandes empresas e de diversos governos de países em desenvolvimento. Como foi representar o Brasil em tantos negócios internacionais?

Noronha – Eu, de fato, me qualifiquei como advogado nestes países, sendo o segundo brasileiro na Inglaterra (depois de minha sócia e ex-mulher) e também como conselheiro jurídico nos estados da Flórida (o primeiro brasileiro e português) e Califórnia, nos Estados Unidos.

Fui indicado como independente brasileiro (o único advogado brasileiro) no General Agreement on Tariffs and Trade, o GATT (o Acordo Geral de Tarifas e Comércio é um tratado multilateral de comércio internacional firmado em Genebra, em 1947) e na

Organização Mundial do Comércio, a OMC (primeiro advogado brasileiro). Também sou imune no maior centro de arbitragem do mundo, o CIETAC (China International Economic and Trade Arbitration), em Beijing e em Xangai (o primeiro advogado brasileiro, inglês e português) e do SHIAC (The Sharm el-Sheikh International Arbitration Centre), em Xangai. Representar países em desenvolvimento em negócios internacionais me deu a sensação de cumprimento do dever por postular pela Justiça em fóruns globais e em prol da igualdade jurídica entre os Estados.

BE – O senhor fala oito idiomas e dois dialetos. No cenário empresarial, muito se fala sobre a importância de um segundo idioma. Falar fluentemente oito línguas facilitou os caminhos para sua carreira de advogado e jurista?

Noronha – O aprendizado de cada idioma amplia o conhecimento cultural e possibilita a expansão das atividades sociais e profissionais, abrindo o horizonte e permitindo a habitação em grande número das “casas de ouro”, como o sábio Confúcio se refere aos livros. O uso das línguas estrangeiras foi essencial para a minha atividade profissional de advogado internacional e é, da mesma maneira, indispensável para todos aqueles que desejam seguir a trilha mencionada. O domínio da língua inglesa permitiu-me a qualificação como advogado e árbitro de outros países, para além do exercício da profissão diplomática e do magistério superior. Ele ainda permitiu o acesso a uma bolsa de estudos para a escola secundária e, outra, para uma extensão em Direito Constitucional, nos EUA, na Universidade da Califórnia - Hastings.

Escrevi e publiquei na língua inglesa desde os 18 anos de idade, quando fui editor do jornal semanário de minha escola secundária, em West Hartford, Connecticut. A língua italiana me fa-

cultou o acesso ao curso de pós-graduação universitária na Fafi, hoje Unesp, e minha aprovação, quando tinha 15 anos. Além disso, possibilitou-me o acesso à extraordinária e insuperável riqueza cultural daquele país. O latim me permitiu o acesso aos clássicos na literatura, na filosofia e na história. O napolitano tornou-se instrumento das delícias das canções partenopeias e da percepção da alma do seu povo maravilhoso. A habilidade de conversação em mandarim chinês propiciou-me o acesso aos corações e à extraordinária cultura, sedimentada por milênios, do fascinante e amistoso povo chinês.

O espanhol facilitou uma aproximação com os povos irmãos da América Latina e deleite na literatura naquela língua. Por sua vez, o francês permitiu-me o acesso aos registros das conquistas civilizatórias da França. O meu sofrível alemão serviu-me para a comunicação social básica e para uma melhoria do meu conhecimento léxico. O dialeto caipira me ensinou ricas formas de expressão verbal e cultural. Por

MEUS LIVROS ENCONTRAM-SE DISPONÍVEIS EM MAIS DE 400 BIBLIOTECAS ACADÊMICAS ANGLÓFILAS EM TODO O MUNDO

sua vez, aquele molisano instrumentalizou-me o conhecimento da sofrida, mas generosa, alma do povo sanita.

Noto ainda que sempre teve uma grande proteção pela língua portuguesa, bem como pela grandiosa literatura nela expressa, tendo promovido diversas ações para sua promoção e escrito um livro em sua defesa.

BE – O seu currículo conta com mais de 70 livros publicados entre títulos jurídicos, médicos, linguísticos e historiográficos. Qual foi seu primeiro livro lançado? O que representa escrever para o senhor?

Noronha – Os meus livros encontram-se disponíveis em mais de 400

bibliotecas acadêmicas anglofilas em todo o mundo, segundo o WorldCat (considerado o maior catálogo em linha do mundo, gerido pelo Online Computer Library Center). Se computarmos aqueles de outros países, como o Brasil, a África do Sul, a Argentina, a China, a Índia, a Itália, Portugal, dentre outros, o número de bibliotecas acadêmicas será ao redor de 1.000. Os meus primeiros três livros, escritos em 1978 e 1979, foram sobre Direito Societário Brasileiro. Eu percebo o ato de escrever como a expressão de minha alma, de meu ser e do meu pensamento.

BE – Em 2016, o senhor lançou “Introdução à Revolução Cultural na República Popular da China: Aspectos Econômicos, Sociais e Políticos”. Por que decidiu falar sobre este assunto?

Noronha – Este livro resultou de uma aula magna que proferi na PUC-SP. Ele foi escrito em língua portuguesa, mas os representantes diplomáticos da China sugeriram traduções independentes para o manda-



PERCEBO O ATO DE
ESCREVER COMO A
EXPRESSÃO DE MINHA
ALMA, DE MEU SER E DO MEU
PENSAMENTO

rim e o inglês. Ele foi um dos poucos livros de autores brasileiros a serem vendidos na China, onde houve um lançamento, em Pequim. Um outro foi realizado em Londres, para a edição da língua inglesa. O livro trata dos erros ultra-esquerdistas cometidos pela Camarada Mao Zedong e o consequente sofrimento causado ao povo chinês. Eu tenho outros livros sobre a China, como “O Crepúsculo do Império e a Aurora da China”; “A China Pós-OMC, Direito e Comércio”; “Direito Chinês”; “Guia Legal de Negócios na China”, “Dicionário de Mandarim PINYIN”; e “As Guerras do Ópio na China e os Tratados Desiguais”. A maioria dessas obras foi escrita em português, outras em inglês e uma foi traduzida para o mandarim.

BE – O senhor é um escritor eclético. Além das obras acadêmicas, com temas do universo do Direito, relações internacionais, lexicografia, história e economia, o senhor também lançou "Shanghai Lilly" e "A História da Literatura Erótica e Meus Contos Malditos", com o heterônimo António Paixão, em 2018 Fale também sobre estes trabalhos assinados como António Paixão.

Noronha – António Paixão é o meu heterônimo português, um jornalista permanentemente desempregado por opção própria, poeta de poucas letras, com um amor exacerbado pelo vinho fornecido por terceiros e pela doce vida. Ele é um fervoroso corintiano, fiel a São Jorge e membro histó-

rico da Gaviões da Fiel. O versojador ficou conhecido como o Trovador da Fiel; o Poeta da Gaviões; o Vate do Bixiga, onde mora um cortiço, na cidade de São Paulo, e é aclamado pelas aflitas e alquebradas almas errantes nas mal afamadas ruas; ou ainda como o Bardo da Liberdade, da maneira como foi denominado por Milton Hatoum, o grande escritor brasileiro.

“Shanghai Lilly” é um romance feminista, escrito a pagamento em dinheiro vivo e em vinhos, por conta da rica herdeira Vivian Salomon. António Paixão também escreveu “Annus Horribilis – Contos da Barrica”, pelo qual ganhou o prémio fictício IG-Nobil, outorgado em Lisboa e recebido na tradicional Feira do Livro daquela cidade, diante de surdas ovações dos ausentes. Ele tem, como todo poeta, abundante obra esparsa em antologias e outros papéis, inclusive higiênicos e guardanapos. Todos os seus escritos têm um grande sucesso de público no Brasil mas, ao contrário dos meus, não são bem acolhidos em Portugal, talvez pela impressão (correta) da pouca série do rimador de botequim. António Paixão tem inveja de mim e diz que eu tenho uma barreira de grande proeminência jurídica e uma papada de dar inveja a Cícero. Falsidades, naturalmente.

Meus outros heterônimos são o italiano Beppe Molisano (poeta, cozinheiro, pedreiro, peixeiro e cantor napolitano), que é noivo da sorveteira napolitana Gigi Dell'Amore e irmão do frade Totò Molisano, OP; o poeta inglês Tony Malvern, mais um mercenário da pena; e o professor chinês Yuse Fajin. Esses se deram bem, tanto comigo como com o Vate do Bixiga.

BE – Corintiano assumiu, o senhor lançou a obra “O Escudeiro de São Jorge – Flávio La Selva e os Gaviões da Fiel”, publicado pela Observador

ANTÓNIO PAIXÃO É O MEU
HETERÔNIMO PORTUGUÊS,
UM JORNALISTA
PERMANENTEMENTE
DESEMPREGADO POR OPÇÃO
PRÓPRIA, POETA DE POUÇAS
LETRAS, COM UM AMOR
EXACERBADO PELO VINHO
FORNECIDO POR TERCEIROS
E PELA DOLCE VITA

Legal Editora. O livro é uma homenagem ao seu tempo do coração?

Noronha – Nasci corintiano, graças a Deus, como o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Flávio La Selva, o fundador da Gaviões da Fiel, tornou-se meu amigo quando retornei dos estudos secundários nos EUA e me preparava para o exame vestibular à faculdade de Direito. Ele me aderiu ao grupo naquela época e, assim, fui um dos co-fundadores da nobre entidade humanística Gaviões da Fiel, uma expressão digna do processo civilizatório brasileiro, condição que mantenho até hoje. A pedido de sua irmã, Wanda, escreveu a biografia de Flávio La Selva, de saudosa memória, com prazer e com o sentimento do dever perante São Jorge Guerreiro. A obra teve enorme repercussão no Estado de São Paulo e foi um sucesso tanto de críticas quanto de vendas. O Timão pode titubear, a Fiel jamais.

BE – O senhor lançou no dia 9 de maio a autobiografia “O Mundo Segundo Noronha” na Praça Dom Lafayette Libânio, na Basílica Menor de Nossa Senhora Aparecida. O que representa este lançamento na sua carreira?

Noronha – O lançamento da minha autobiografia, “O Mundo Segundo Noronha”, representa o meu relato particular com autoanálise da

FUI UM DOS
CO-FUNDADORES DA NOBRE
ENTIDADE HUMANÍSTICA
GAVIÕES DA FIEL, UMA
DIGNA EXPRESSÃO DO
PROCESSO CIVILIZATÓRIO
BRASILEIRO

minha história de vida. Nela, registro o empreendedorismo dos sócios de Noronha – Advogados, bem como o duro embate dos países em desenvolvimento contra os grilhões do imperialismo. Denuncio os desvios na política externa do Brasil, frequentemente corrompida pela ação espúria dos Estados Unidos e pelos interesses corporativos internos. Reporto-me ainda à minha luta de sempre em prol do humanismo, do estado de Direito, do império da Lei e das liberdades democráticas.

A obra ainda se reporta aos meus valores morais, padrões culturais e princípios éticos com o propósito de, espero, servir como inspiração para as futuras gerações. A Basílica é um local sagrado com ligações íntimas com minha família. Um de meus avós contribuiu com a sua construção e tem o seu nome inscrito numa das colunas. Os meus pais ali se casaram em 1944 e, eu mesmo, fui batizado naquela igreja pelos freis Paulo Luig, OFM, e Valério, OFM, semanas após o meu nascimento, no dia 24 de junho de 1951. Ali celebrei com convidados de todo o mundo, em 2008, com um Te Deum, o 30º aniversário de Noronha-Advogados e retornei ao local com frequência em busca de conforto espiritual. Apoio as suas obras há muitos anos, da mesma maneira que procuro incentivar a população rio-pretense a fazer o mesmo, pela preservação dos nossos melho-

res valores. Assim, destinei a elas o produto integral das vendas locais de minha obra. O lançamento foi um grande sucesso e as obras continuam disponíveis na secretaria da Basílica, no horário comercial.

BE – Pretende lançar mais livros?

Noronha – Pretendo levar os trabalhos para a finalização do “Vocabulário Noronha da Língua Portuguesa”, com o objetivo de promover um melhor uso do rico idioma pátrio. Minha mente inquieta também já se lançou ao trabalho de produção de outras duas novas obras linguísticas relacionadas com as línguas italiana e napolitana, esta última de autoria do meu heterônimo Beppe Molisano, destinada a muitos brasileiros de origem peninsular, em geral, ou partenopeia, em particular, no segundo caso. Por sua vez, o meu colega António Paixão, o debochado Vate do Bixiga, está a ser, tanto acossado como, assessorado por suas indecorosas, impudicas e descompostas fãs para escrever uma continuação da vida da decaída “Shanghai Lilly”, ou mesmo novos contos. Minha mulher me assegura que, como sou ainda jovem, terei tempo para estes projetos todos e muitos outros mais.

BE – Atualmente, o senhor mora em qual cidade? Pretende voltar a morar em Rio Preto?

Noronha – Minha residência principal situa-se hoje, e desde há 6 anos, na cidade de Lisboa, República Portuguesa, onde sou membro da Academia de Letras de Portugal e tenho uma dependência de Noronha – Advogados. Anteriormente, por cerca de 25 anos, morei em Londres, no Reino Unido. Tenho uma outra moradia na cidade de São Paulo, além da minha maravilhosa chácara na amada São José do Rio Preto. Flutuo ainda perambulando pela Itália, desde o Molise, terra de meus ancestrais maternos, até minha cidade de adoção,

O LANÇAMENTO DA
MINHA AUTOBIOGRAFIA
REPRESENTA O MEU
RELATO PARTICULAR
COM AUTOANÁLISE DA
MINHA HISTÓRIA DE
VIDA. NELA, REGISTRO O
EMPREENDEDORISMO
DOS SÓCIOS DE
NORONHA – ADVOGADOS

Levanto, na Ligúria. Estou a me preparar para residir permanentemente em minha chácara. O futuro dirá quando.

BE – O senhor é casado com a Amanda e tem duas filhas? Elas seguiram carreira na sua área?

Noronha – Tenho duas filhas: A primogênita, a Dra. Anita de Noronha Goyos, uma médica formada pelo Imperial College, a qual exerce o seu ofício num hospital londrino, no Reino Unido, parte da rede pública do National Health Service (NHS). E a menor, a Profa. Gabriela de Noronha Goyos, graduada em línguas pela Universidade de Edimburgo, com pós-graduações na mesma entidade e na Universidade Central de Beijing, a qual trabalha na cidade de Bolonha, na Itália, onde se casou com o escritor e jornalista Andrea Antonazzo. Tenho ainda duas companheiras caninas e um cão labrador, de aproximadamente 1 ano de idade: a Gaja; a Mariù e o Gennà, todos com nomes napolitanos e grande apetite. Há 6 anos, iniciei um relacionamento estável com Amanda Ie de Noronha Goyos, uma escritora, produtora e assessora cultural, com quem posteriormente me casei. Ambas as minhas filhas, e também a Amanda, são humanistas e, neste sentido, seguiram a minha carreira, graças a Deus.